

REDE SOCIAL DIALETICOS: UMA EDUCAÇÃO PARA A DEMOCRACIA NA ERA DAS TECNOLOGIAS DE (DES)INFORMAÇÃO

Eden Grei Côrtes Artiaga¹

RESUMO

O presente artigo é uma reflexão sobre o uso da rede social Dialetricos como alternativa metodológica para o ensino de filosofia no nível médio, preparando os estudantes para o debate público, necessário ao exercício da cidadania. A metodologia deste trabalho baseou-se na abordagem qualitativa, a partir da pesquisa bibliográfica, bem como, na reflexão sobre a prática do uso da rede. Tal rede social foi criada em 2019 com o intuito de desenvolver no estudante a capacidade de analisar, bem como se posicionar, sobre problemas morais e políticos, desenvolvendo a consciência crítica e a autonomia de pensamento. Nesse ambiente virtual são realizados debates em torno de temas públicos pertinentes. O estudante poderá ter um diálogo com outras pessoas, ou também com um assistente de inteligência artificial que simula a dialética socrática, colocando questões em cada argumento apresentado. O fundamento teórico da rede social Dialetricos passa por autores clássicos da filosofia, a saber, Sócrates e Aristóteles, encontrando também fundamento na educação dialógica de Paulo Freire. Todo debate na rede começa com uma pergunta inicial, sendo possível a cada debatedor interagir através dos tipos de argumento: responder/concordar; discordar; perguntar; e, acusar de falácia. Isso deve auxiliar no desenvolvimento de uma educação voltada para a democracia, tornando os estudantes aptos ao debate público, sendo críticos para analisar a realidade a seu redor com rigor e clareza, bem como autônomos o suficiente para se posicionar com liberdade e racionalidade, podendo, assim, agir coletivamente na construção de uma democracia cada vez mais direta, racional e pacífica.

Palavras-chave: Educação Dialógica. Rede Social. Democracia.

DIALECTIC SOCIAL NETWORK: AN EDUCATION FOR DEMOCRACY IN THE AGE OF (DIS)INFORMATION TECHNOLOGIES

ABSTRACT

This article offers a reflection on the use of the social network Dialetricos as a methodological alternative for teaching philosophy at the secondary education level, with the aim of preparing students for public debate, which is essential for the exercise of citizenship. The methodology of this study was based on a qualitative approach, drawing on bibliographic research as well as reflection on the practice of using the network. This social network was created in 2019 with the goal of fostering in students the ability to analyze and take a stance on moral and political issues, thereby cultivating critical consciousness and autonomous thinking. Within this virtual environment, debates are held on relevant public topics. Students may engage in dialogue either with other individuals or with an artificial intelligence assistant that simulates Socratic dialectics, posing questions about each argument presented. The theoretical foundation of the Dialetricos social network is grounded in classical philosophical authors, namely Socrates and Aristotle, while also drawing on Paulo Freire's concept of dialogical education. Every debate within the network begins with an initial question, and participants can interact through specific

¹ Mestre em Filosofia da Ciência pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Especialista em Docência no Ensino Superior pela Unicathedral. Licenciado em Filosofia pela PUC-GO. Professor efetivo da Secretaria de Educação do Mato Grosso – SEDUC-MT. Criador da metodologia e da rede social Dialetricos. E-mail: dialetricosjf@gmail.com.

types of argumentative moves: responding/agreeing, disagreeing, questioning, and accusing of fallacy. This structure is intended to contribute to the development of an education oriented toward democracy, enabling students to participate in public debate, to critically analyze the reality that surrounds them with rigor and clarity, and to express themselves autonomously with freedom and rationality. In doing so, they may act collectively in the construction of a democracy that is increasingly direct, rational, and peaceful.

Keywords: Dialogical Education. Social Network. Democracy.

INTRODUÇÃO

O presente artigo é uma reflexão sobre o uso da *rede social Dialéticos* no ensino de filosofia no nível médio. A hipótese levantada é a de que o uso dessa rede social, que faço desde 2019 em escolas públicas de nível médio, no município de Barra do Garças-MT, com a metodologia que a fundamenta² (ARTIAGA, 2019), se mostra como adequado para trabalhar a disciplina de filosofia na educação básica. Acredita-se que a tradição da filosofia ocidental, muito além de um conteúdo em si, preconiza uma atitude de reflexão crítica e rigorosa sobre a vida humana. Pretende-se nesse artigo refletir sobre a filosofia enquanto disciplina que tem o objetivo de preparar o estudante para ser cidadão consciente e atuante, sendo necessária uma visão crítica sobre a realidade que o cerca, com capacidade de agir em benefício da coletividade, convivendo harmonicamente em um ambiente democrático. Esse artigo pretende ainda, junto com a reflexão sobre o uso da rede social Dialéticos, responder algumas perguntas referentes a disciplina de filosofia no nível médio, quais sejam: *para que ensinar filosofia no ensino médio? E, como ensinar filosofia no ensino médio?*

Na primeira parte do texto, falarei sobre os problemas, bem como os objetivos da filosofia na educação básica, qual sua função pedagógica, bem como sobre qual a melhor forma, em termos gerais, de realizar tal função. A reflexão começa com duas críticas ao ensino de conteúdos prontos, sendo a primeira a problematização de Paulo Freire com relação ao ensino bancário, que não consegue desenvolver seres críticos e autônomos. A segunda crítica está relacionada ao advento da internet e todas as questões que surgem do excesso de informação, bem como da falta de capacidade de analisar com rigor a informação que chega. Visto que a disciplina de filosofia no ensino médio se presta a preparar o cidadão para a convivência democrática, a ideia de uma disciplina temática parece ser mais coerente com o objetivo proposto, desde que, desse modo a filosofia é apresentada enquanto problema, ensejando

² Escrevi um artigo sobre a metodologia Dialéticos que foi publicado na revista Facisa, vol. 09, n. 1, em 2019, meses antes da primeira versão da rede social ficar pronta. O link para a revista é: <https://periodicos.unicathedral.edu.br/index.php/revistafacisa/issue/view/37>

debates e reflexões sobre temas sociais diversos, desenvolvendo na prática do debate as qualidades dialógicas necessárias para o desenvolvimento da consciência crítica e da autonomia de pensamento. Nessa reflexão, também pontuo que a história da filosofia é essencial como apoio às aulas, mas que, uma disciplina ministrada como problemas temáticos se torna mais eficaz ao objetivo proposto.

Na segunda parte, tratarei do uso da metodologia e da rede social Dialecticos, a forma de preparar o debate, realizá-lo e analisá-lo para a sedimentação da reflexão. É uma hipótese desse artigo que tal metodologia deve auxiliar no desenvolvimento da consciência crítica e da autonomia de pensamento, buscando resolver, em parte, o problema de uma educação para a democracia, bem como ser uma alternativa metodológica para a filosofia enquanto disciplina obrigatória da educação básica. Tal metodologia visa praticar o debate em torno de questões pertinentes, atuais, mediado pela filosofia e, na melhor das hipóteses, desenvolver consensos em torno dos temas debatidos, incentivando o surgimento de uma sociedade onde o consenso surja a partir do diálogo com o divergente. Ao fim dessa parte, faço uma reflexão sobre o uso do assistente de inteligência artificial Sócrates, dentro da rede social Dialecticos, sendo mais uma ferramenta para alcançar o objetivo proposto pela disciplina.

Por fim, nas considerações finais, faço uma análise geral da filosofia enquanto disciplina que se presta a preparar o cidadão para ter capacidade de intervir no meio social de maneira fraterna e livre, e, como a rede social Dialecticos pode servir de recurso metodológico válido para o fim proposto.

A FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO

Existem, pelo menos, dois grandes problemas com relação ao ensino de conteúdos prontos na disciplina de Filosofia, que são: a crítica de Paulo Freire de que tal *concepção bancária* de ensino, conteudista, não é capaz de formar pensadores críticos, ou seja, não é capaz de preparar cidadãos autônomos. Em segundo lugar, o excesso atual de informação faz com que todo conteúdo desapareça num mar infundo de novos discursos, fazendo com que a era da *informação*, aos poucos, se transforme em era da *desinformação*.

Sobre o primeiro ponto, Paulo Freire via no ensino tradicional o problema de que tal educação não estimulava o protagonismo e a crítica, mas tão somente, a passividade e a memorização de conteúdos prontos, a chamada “decoreba”. O estudante é passivo desde que não é estimulado a pensar em problemas ou buscar respostas, sendo apresentado ao conhecimento como se fosse um discurso pronto e acabado, bastando apenas reter na memória.

Ao memorizar uma resposta sem entender o problema, nem fazer o caminho que levou à resposta, o estudante se torna um mero depositário de discursos alheios à sua experiência. Tal educação não forma cidadãos capazes de construir sua própria história, mas tão somente “peças” válidas para a engrenagem social se manter tal e qual. Segundo Freire:

Dizer a palavra não é privilégio de alguns homens, mas direito de todos os homens. Precisamente por isto, ninguém pode dizer a palavra verdadeira sozinho, ou dizê-la para os outros, num ato de prescrição, com o qual rouba as palavras aos demais. O diálogo é este encontro dos homens, mediatizados pelo mundo, para pronunciá-lo... (FREIRE, 1996, p. 92)

Acredita-se que tal crítica pode ser direcionada à educação básica como um todo, mas com relação à disciplina de Filosofia isso é bastante grave por ir diretamente contra o que ela se propõe na educação básica. Não acredito que o ensino conteudista seja um mal em si, apenas cumpre uma função diversa daquela que se propõe à Filosofia do Ensino Médio, a saber, desenvolver nos educandos a criticidade e a autonomia de pensamento enquanto habilidades necessárias ao cidadão. Deixo claro que, a rede social não impede que o professor use qualquer conteúdo, seja da história da filosofia, ou mesmo um texto qualquer (jornalístico ou didático), para que os estudantes possam argumentar baseado em ideias já desenvolvidas. Contudo, o conteúdo deve ser apresentado enquanto problema que suscita um debate. Esse debate deve estimular a capacidade de pensar o mundo a seu redor, possibilitando o posicionamento, bem como a interação entre visões de mundo divergentes, de maneira racional e pacífica.

Por isto, o diálogo é uma exigência existencial. E, se ele é o encontro em que se solidariza o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar ideias de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples troca de ideias a ser consumidas pelos permutantes. Não é também discussão guerreira, polêmica, entre sujeitos que não aspiram a comprometer-se com a pronúncia do mundo, nem com buscar a verdade... A conquista implícita no diálogo é a do mundo pelos sujeitos dialógicos, não a de um pelo outro. (FREIRE, 1996, p. 93)

Por isso, entende que os conteúdos de história da filosofia devem servir de apoio à disciplina no nível básico, e não fundamento, sendo a prática do debate àquilo que poderá alcançar o que se espera dessa disciplina nesse nível.

O segundo problema sobre uma disciplina baseada em conteúdos prontos é o de que vivemos em um tempo com excesso de informação, e não falta. É notória a possibilidade de acesso à informação através da internet, mas o que também se tornou evidente foi o grande desentendimento mútuo, sobretudo quando se trata de questões morais e políticas. Não é necessária grande pesquisa, basta uma olhada rápida em comentários de reportagens sobre qualquer questão pública que envolva algum debate moral, político ou econômico, para nos deparamos com a versão moderna da *torre de babel*. A internet, atualmente, converteu o sonho de elevar a vida humana ao céu da liberdade e fraternidade, para, pelo contrário, levar ao abismo do desentendimento e da discórdia, criando bolhas de desinformação e realidades paralelas. Segundo Castells (2018), “*o novo poder da internet de conectar tudo, em tempo real, também significa a possibilidade de propagar boatos, desinformação e discursos de ódio em escala global*”. Tais problemas são propiciados, entre outros fatores, pela falta de habilidades dialógicas, no sentido da falta de capacidade de análise da realidade, levando em consideração suas contradições e problemas. Tudo isso somado traz enormes dificuldades para a educação, com o agravante atual da interação com as inteligências artificiais generativas (que será debatido à frente).

A hipótese da pesquisa, tanto para responder à questão do conteudismo passivo que não produz seres críticos e autônomos, quanto para o problema da overdose de informação que se tornou desinformação, é a de que, com alguns conceitos e conteúdos básicos podemos realizar debates, a partir de questões atuais, que gerem o desenvolvimento de certas habilidades dialógicas essenciais para a mitigação dos problemas expostos.

Esta prática (da educação libertadora) implica, por isto mesmo, em que o acercamento às massas populares se faça, não para levar-lhes uma mensagem salvadora, em forma de conteúdo a ser depositado, mas, para, em diálogo com elas, conhecer, não só a objetividade em que estão, mas a consciência que tenham desta objetividade; os vários níveis de percepção de si mesmos e do mundo em que e com que estão. (FREIRE, 1996, p. 101)

O grande desafio da educação atual, sobretudo em filosofia, é criar as condições para que o educando desenvolva sua percepção crítica, como uma habilidade a ser aplicada à sua realidade. A rede social Dialecticos é uma plataforma de diálogo com mínimo conteúdo pré-estabelecido. Os métodos dialético e lógico analítico, implícitos nos tipos de interação, proporcionam o desenvolvimento da capacidade de pensar com rigor e que, por isso, devem ser

vistos como habilidades a serem desenvolvidas com a prática, e não somente um conteúdo a ser memorizado. Tais habilidades se mostram como qualidades essenciais frente aos problemas expostos acima, desde que, desenvolvem no estudante uma maior capacidade de análise, bem como de aprofundamento, das questões públicas pertinentes. Como diz a professor Lúcia Maria Rodrigo, refletindo sobre o ensino de filosofia para o estudante secundarista:

No campo da filosofia, a autonomia ou a capacidade de pensar por si mesmo dificilmente pode ser conquistada com a mera aquisição de conteúdos filosóficos. Como afirmado anteriormente, esta deve estar aliada à apropriação de um método de acesso a esse conhecimento, de modo que o estudante conquiste progressivamente uma autonomia intelectual que o capacite a apropriar-se de outros conteúdos por conta própria. É a velha ideia de ensinar a pescar, em vez de apenas dar o peixe. (MARIA, 2009, p. 25)

Partindo da reflexão feita pela professora Maria Lúcia Rodrigo, no livro *Filosofia em Sala de Aula*, a disciplina de filosofia no ensino médio pode ter, principalmente, dois caminhos, quais sejam, ou o professor irá trabalhar a história da filosofia, com seus períodos e filósofos, ou abordar os temas filosóficos a partir de questões atuais. Obviamente, não precisa ser uma coisa ou outra, mas sim, uma junção dessas duas formas de abordagem. Para encontrarmos a melhor maneira de trabalhar com a disciplina nesse nível, ou seja, pensar a melhor abordagem, bem como os conteúdos necessários, devemos pensar qual seu objetivo no ensino médio. De acordo com a lei que orienta o objetivo da disciplina no nível básico, temos que:

A [Lei nº 9.394/96](#) dispõe:

Art. 36. O currículo do ensino médio observará o disposto na Seção I deste Capítulo e as seguintes diretrizes:
(...)

§ 1º Os conteúdos, as metodologias e as formas de avaliação serão organizados de tal forma que ao final do ensino médio o educando demonstre:
(...)

III - domínio dos conhecimentos de Filosofia e de Sociologia necessários ao exercício da cidadania.

Por isso, tal disciplina se presta a trabalhar os conhecimentos filosóficos necessários ao cidadão para que este atue de maneira consciente em benefício da sociedade na qual está inserido. Entende-se que uma educação para a cidadania é aquela que provoca o estudante a refletir moral e politicamente sobre a realidade que o cerca, sendo necessário, para isso, o

desenvolvimento da consciência crítica e da autonomia de pensamento. Como hipótese desse artigo, que a abordagem temática para a disciplina de filosofia parece ser mais coerente com o objetivo exposto, ressalvando que a história da filosofia pode e deve servir de auxílio na colocação dos temas que serão trabalhados.

O objetivo da rede social Dialecticos é justamente ensinar a filosofar a partir dos temas e problemas colocados pela filosofia que dialogam com nossos problemas atuais. Acredita-se que a prática do debate, numa plataforma virtual feita para isso, é capaz de desenvolver a crítica enquanto habilidade, ao tempo que cria as condições para que o diálogo aconteça com clareza, respeito, limitando argumentos falaciosos, podendo assim produzir raciocínios válidos. A ideia de produzir uma metodologia na forma de uma rede social, com regras lógicas e morais, se presta ao desenvolvimento da capacidade de diálogo crítico-filosófico, criando as condições de uma educação dialógica no sentido freiriano (FREIRE, 1996).

Com relação aos conteúdos inevitáveis, desde que são condição para que haja comunicação, eles vão desde conceitos gerais, como, moral, ética, política, democracia, entre outros, até certas noções de lógica, dialética e analítica, noções históricas e sociais, bem como sobre a formação do Estado. Tiramos daí a necessidade de interdisciplinaridade entre as disciplinas de ciências humanas para formar a base de conteúdos necessário para que os debates sejam inteligíveis e produtores.

Devemos pontuar que os direitos humanos se tornam parte necessária de qualquer conteúdo no nível médio. Para citar Boaventura: “O paradigma dos direitos humanos emergiu no século XX como a gramática moral e política hegemônica para nomear injustiças e formular reivindicações de dignidade humana.”(SANTOS, 2010, p. 25).

Não se pode pensar a educação atual, sobretudo a que se presta a formar o cidadão, sem a consideração dessa base moral paradigmática, representadas pelos *Direitos Humanos* e pelo *Estado Democrático de Direito*. Ou seja, preparar o cidadão democrático pressupõe que ele absorva os direitos humanos como norma moral universal, bem como entenda que, “*Democracia e direitos humanos não são categorias acabadas; são construções sociais e culturais...*” (SANTOS, 2007, p. 15).

Tais conteúdos básicos, acreditamos, servem de fundamento histórico para que os debates na rede social sejam cada vez mais profícuos, em termos de desenvolvimento dos estudantes enquanto cidadãos dialógicos. Sendo assim, o conteúdo próprio a ser ensinado envolve conteúdos básicos de filosofia sobre lógica (dialética e analítica), história, moral, política, enfim, sobre a sociedade em geral. Tais conteúdos se prestam a criar as condições para

que haja comunicação inteligível quando forem tratados os problemas públicos pertinentes, ou seja, os problemas reais que enfrentamos atualmente.

Acredita-se que os problemas morais e políticos atuais se mostram demasiado urgentes e específicos. Pensando, pois, naquilo que é necessário ao cidadão atual, entendemos que, não basta falar sobre a importância dos direitos humanos e da democracia e, como foram historicamente construídos, ou mesmo, falar das filosofias que sustentam tais premissas morais, desde que, tais conteúdos, por si só, não desenvolvem a cidadania. Entendendo os direitos humanos, unidos a ideia de democracia, como o fundamento ético paradigmático de nosso tempo, o cidadão deve ser educado para que, não só entenda tais preceitos, no sentido conceitual, mas também e, principalmente, como tais preceitos se manifestam em questões públicas diversas. Genericamente falando, na rede social Dialéticos tratamos das questões sobre o que é certo ou errado, bem ou mal e, justo ou injusto, que se nos apresentam a partir de nosso contexto social. O desenvolvimento das capacidades dialógicas (FREIRE, 1996) serve justamente para que a discussão seja mais racional e, como objetivo máximo, possa produzir consensos sociais. Contudo, o fundamento histórico e a compreensão de nossa atual base moral também são condições para um bom debate.

A democratização cada vez maior do acesso à internet faz com que o conteúdo trabalhado deva ser cada vez menor, desde que, a possibilidade do acesso à informação muda totalmente a visão de que a educação deva repassar conteúdo. O professor deve, cada vez mais, ser mediador entre a informação que chega aos alunos, desde que tal informação chega em um nível cada vez maior em quantidade, e pior em qualidade. O acesso cada vez maior a conteúdos necessita do desenvolvimento cada vez maior de visão crítica para o tratamento da informação, sob o risco de cairmos em bolhas informacionais, cada qual com seu discurso de salvação. De acordo com Byung-Chul Han (2017), *“o excesso de informação não leva necessariamente à liberdade, mas à fadiga, à distração e à perda de profundidade”*.

A rede social, com a mediação do professor, pretende melhorar a situação da consciência política e conseqüentemente do debate social que é feito nas redes. A filosofia, enquanto disciplina que pretende desenvolver a consciência cidadã, deve fazer isso colocando os problemas que tal cidadão encontra na sua própria vida. Pelo exposto, a predominância da concepção temática é entendida, por nós, como a melhor abordagem para a disciplina no nível médio e a melhor forma de trabalhar os temas é colocando os debates que eles suscitam.

COMO ENSINAR FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO: SOBRE O USO DA REDE SOCIAL DIALETICOS

A rede social Dialetricos visa a promoção de debates em torno de temas morais e políticos gerais. Cada debate começa com uma questão inicial. Tal questão reza sobre um problema a ser resolvido, sobretudo, um problema moral, político, jurídico, ou público no geral. Exemplo: O que fazer com relação a prática do aborto? Proibir totalmente? proibir em alguns casos? Legalizar? Regulamentar? Como? Por que? Tais questões funcionam como uma equação onde o estudante deve escrever um argumento inicial solucionando o problema proposto e debatendo com os outros estudantes, ou com uma inteligência artificial, chamada Sócrates, que simula a dialética socrática, apresentando perguntas em cada argumento manifesto³.

Cada debatedor poderá argumentar utilizando 4 tipos de interação para resolver a questão inicial, assim como interagir com outros argumentos. O objetivo do debate é tanto resolver a questão inicial como chegar em um consenso. Contudo, o consenso não é necessário, apenas possível. Os tipos de interação na rede são: 1- Perguntar (o debate sempre começa com questões e há uma interação específica para novas perguntas implicando qualquer argumento; 2- Responder/concordar; 3- Discordar; 4- acusar de falácia. O único tipo de argumento com conteúdo pré-determinado pelo jogo é *acusar de falácia*, que corresponde a 21 formas de falácia descritas pela rede social, servindo para acusar outros argumentos de serem falaciosos.

A partir desses 4 tipos de argumentos podemos promover debates sobre quaisquer questões morais/éticas, sociais, políticas, ou mesmo, processos decisórios coletivos. Os 21 tipos de falácia descritos na rede funcionam como uma espécie de condição de razoabilidade do discurso, limitando tanto problemas lógicos de linguagem, como contradição e redundância, como argumentos que ferem os direitos humanos⁴.

Um aspecto essencial é a mediação do debate, que no caso da escola deve ser feito pelo professor ou por quem esse designar. Não basta colocar um problema e deixar que os estudantes argumentem como uma prática mecânica de quem faz um exercício puramente físico. Há que se despertar o entendimento sobre as questões debatidas, contextualizando e sensibilizando sobre o tema, num primeiro momento. Essa sensibilização pode ser feita com um texto sobre o assunto, um documentário, filme, ou qualquer material que apresente o problema na sua complexidade. Depois de aberto o debate, o professor pode ir analisando os

³ Falarei a frente sobre esse assistente de inteligência artificial chamado: Sócrates.

⁴ Não falarei sobre cada uma das falácias descritas na rede social por fugir do escopo do artigo. Tal análise merecerá artigo próprio.

argumentos, por escrito ou oralmente em sala, de forma que haja cada vez mais clareza do que se diz. O professor deve fazer ponderações com a sensibilidade de quem não pode deixar passar erros, mas não pode ridicularizar nem rebaixar seu aluno de forma a constrangê-lo. Ao expor os alunos, corre-se o risco de que eles não se motivem ao debate. Colocar ponderações de forma não passional e não impositiva, deixando espaço para a reflexão, é a melhor forma de ter bons debates. O professor também deve decidir sobre as acusações de falácia, bem como, sobre os limites morais dos argumentos, sempre considerando a nossa base moral paradigmática relativa aos direitos humanos. O professor pode, no processo, colocar questões aos alunos, bem como mediar a relação com o Sócrates virtual, auxiliando os alunos no entendimento das questões apresentadas por ele. Por fim, depois de encerrado o debate, o professor deve analisar os principais argumentos, fazer ponderações sobre consensos possíveis, questões em aberto, consequências e fundamentos de certos argumentos, para sedimentar a reflexão.

Na versão atual da rede (2.0), os debates são divididos nos 3 poderes públicos, a saber, executivo, legislativo e judiciário, sendo que em cada espaço são realizados determinados tipos de debate. No Poder Executivo os debates relativos a questões econômicas e trabalhistas. No Poder Legislativo são feitos os debates com relação a temas morais e sobre regras de comportamento. Essa separação entre temas nos dois primeiros poderes serve para tornar mais claro a diferença entre pautas econômicas e comportamentais. No Poder Judiciário são feitas simulações de casos judiciais e os alunos são separados em grupos de acusação, defesa e júri.

Na simulação de tribunal, onde fazemos os debates jurídicos, também deve haver sensibilização do crime a ser debatido. Até hoje, tratei com crimes fictícios mas que tinham apelo social real. Nessa dinâmica a sala deve ser dividida em 3 grupos, defesa, acusação e júri. Cada grupo escreve um argumento inicial para resolver um litígio jurídico que é apresentado na forma de um processo judicial. No caso, o júri nessa simulação também escreve um argumento inicial para, depois do debate entre acusação e defesa, saber se algum dos grupos conseguiu mudar a compreensão inicial do júri. O professor deve mediar o debate e fazer a análise final. Acontecem muitas contradições nessa dinâmica, como grupos que se desentendem e se desrespeitam, por isso, o professor deve estar sempre preparado para manter a ordem e o respeito, como em um tribunal.

Tais dinâmicas, que perfazem a metodologia dialéticos, não servem apenas para as relações virtuais. Elas são aquilo que entendemos ser um dos grandes ensinamentos da história da filosofia, qual seja, buscar o conhecimento a partir do diálogo, acima de qualquer paixão ou particularidade, analisando as discordâncias com profundidade. Enquanto os debates são travados, a história da filosofia aparece inevitavelmente, desde que essa história é um grande

debate de mais de dois mil anos em torno de certas questões humanas. Cabe ao professor fazer a mediação entre as diversas filosofias que compõem essa história e os debates feitos a partir de questões que são, de certa forma, as mesmas questões filosóficas de sempre, sobre a vida, liberdade, verdade, moral, poder, justiça, etc., mas que se nos apresentam com novas roupagens.

Os 4 tipos de argumento da rede social funcionam como uma plataforma de diálogo que torna possível não só um debate mais civilizado e profícuo, mas o desenvolvimento da capacidade crítica e da autonomia de pensamento enquanto habilidades. A capacidade crítica é desenvolvida na análise das contradições possíveis, fazendo com que o pensamento se torne rigoroso e se aprofunde, analisando as contradições ao tempo em que se elucida. Sem tal capacidade, o que resta é a crença impensada e dogmática, imposta por outro, que se contrapõe justamente à capacidade de pensar com autonomia. Sendo assim, podemos dizer que a rede social Dialéticos se baseia em um ideal moral e político de liberdade e fraternidade, só sendo possível em sociedades democráticas que garantam direitos individuais de liberdade de expressão e de informação, assim como direito de defesa (contraditório). A finalidade é garantir um diálogo com o mínimo de razoabilidade, inteligibilidade, fraternidade e rigor.

SÓCRATES IA

A derradeira atualização da rede social Dialéticos criou um assistente virtual baseado em inteligência artificial generativa que simula a dialética socrática. O Sócrates IA é, na prática, um assistente que colocará perguntas sobre cada argumento que pretenda resolver a pergunta inicial do debate. Esse assistente foi treinado com argumentos dos alunos em debates anteriores, ou seja, ele está preparado para interagir com os estudantes do ensino médio, analisando seus argumentos e conseguindo encontrar quais pontos o argumento precisa resolver para que se torne mais consistente. Até agora, depois de vários debates, as questões colocadas pelo Sócrates virtual são pertinentes, respeitadas e prestam grande auxílio no desenvolvimento da argumentação, com algumas poucas perguntas que mereceram, ou uma explicação por parte do professor, ou que foram repetitivas, digamos assim.

Importante dizer que essa atualização já trouxe ótimos resultados na solução de um problema constante da rede social quando trabalhada em sala de aula, qual seja, os alunos ficavam, muitas vezes, constrangidos em discordar ou questionar uns aos outros, ou mesmo, responder às questões colocadas pelo professor. Não se trata aqui de analisar os motivos desse constrangimento, mas apenas destacar que, a partir da interação com o Sócrates virtual os alunos

se sentiram mais livres para prosseguir no debate. Com isso, houve um visível ganho de engajamento nos debates.

Vale aqui uma ressalva sobre os problemas trazidos pela inteligência artificial generativa na educação. Nós professores temos que lidar desde o advento da internet com o problema da cópia, popularmente conhecido como *ctrlc – ctrlv*. Contudo, mesmo quando apenas copiava um texto da internet, o aluno era obrigado a lê-lo para ver se tinha coerência com o trabalho proposto. Com as novas inteligências artificiais esse problema alcançou outro patamar muito mais complexo. Os alunos colocam a proposta de trabalho e com um click a inteligência artificial cria um texto novo, coerente e suficientemente aceitável na grande maioria dos casos. Há ainda aquelas IAs que humanizam o texto, tornando a identificação dele como feito por inteligência artificial mais difícil. Chegamos, então, em um novo limite para a educação, desde que se os estudantes deixarem as IAs pensarem por eles é o fim do processo de aprendizagem.

É claro que não há apenas problemas. Essas novas ferramentas também trazem alguns benefícios que nós professores deveremos, inevitavelmente, aprender a utilizar. Sem querer dar conta da questão aqui, mas a inteligência artificial que simula a dialética socrática traz um uso diferente desse tipo de ferramenta. É claro que o estudante pode, ainda, colocar o Sócrates virtual para conversar com outra IA, como já aconteceu. Porém, percebemos que no tipo de debate proposto pela metodologia Dialéticos, as IAs generativas não se posicionam moralmente, deixando o posicionamento vago, sendo, por isso, possível a identificação do argumento como sendo *artificial*, por assim dizer⁵.

Enfim, diante dos vários problemas e desafios temos que pensar como adequar o uso das inteligências artificiais generativas na educação da melhor forma. Dentro disso, o Sócrates virtual nos proporciona um uso novo e coerente com o ideal de educação proposto nesse artigo, estimulando o aluno a repensar seus argumentos, bem como, servindo de exemplo de um raciocínio crítico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

A FILOSOFIA NA ERA DA (DES)INFORMAÇÃO

Entendo que em nosso momento histórico, não só no Mato Grosso, ou no Brasil, mas no mundo, o advento da internet trouxe um enorme potencial de comunicação e mobilização

⁵ Talvez, o que devemos fazer no futuro é colocar os estudantes para fazer perguntas e analisar as respostas das IAs generativas. Como, por exemplo, se o aluno precisa fazer um trabalho sobre filosofia moderna, ele vai conversar com uma IA sobre um determinado autor e, depois apresentar o diálogo que teve. Mas isso é apenas uma elucubração sobre um terreno ainda muito novo e complexo.

social. Contudo, esse potencial tem sido, quando não manipulado, mal usado, criando toda espécie de discórdia, interferindo negativamente na capacidade de nos relacionarmos moral e politicamente. Tais consequências vão desde casos pessoais de cyberbullying e cancelamento, até conflitos sociais e políticos, com criação de realidades paralelas. No Brasil, no dia 08 de janeiro de 2023, uma manifestação levou a depredação generalizada dos prédios dos três poderes da República, em Brasília. Tais atos foram ensejados por uma maioria de pessoas comuns que foram alimentadas com informações falsas nas redes sociais por vários anos, os levando a uma espécie de lavagem cerebral com consequências extremamente graves, desde que o ato é tido pela justiça como tentativa de golpe de Estado. Segundo Morozov (2018), *“a internet, em vez de promover a emancipação e o esclarecimento, muitas vezes se transforma em uma arena de manipulação da opinião pública”*. E, ainda sobre isso, Wardle e Derakhshan (2017) destacam que, *“a desordem informacional não é apenas uma questão de falsidade, mas também de intenção e contexto, o que torna a desinformação particularmente difícil de combater”*.

Temos, então, uma séria contradição, que acompanha cada nova tecnologia que o ser humano cria: pode ser usado tanto para o bem, quanto para o mal. Fica a questão: como fazer para que tais tecnologias de informação e comunicação sirvam para a melhoria da sociedade? A resposta óbvia parece ser, educar as pessoas para que usem a ferramenta de forma ética, preparando as novas gerações para que se relacionem com tolerância, visando o convívio pacífico com o divergente. O momento político polarizado de nosso país exige tal educação.

A rede social Dialéticos atua justamente nas reflexões temáticas e problemas oriundos da filosofia, tão necessárias para a resolução de nossos conflitos sociais. Ela foi projetada para servir de ferramenta no desenvolvimento do pensamento crítico e da autonomia intelectual, com a pretensão máxima de formar o cidadão democrático, a partir do desenvolvimento da dialética e da lógica enquanto habilidades, bem como da tolerância por meio da prática do debate. Necessitamos de uma educação que desenvolva a capacidade de analisar com lógica dialética e analítica os dogmas, valores e argumentos, ou seja, ter capacidade crítica para interagir com o diferente com rigor e racionalidade, e não por paixão. Contudo, por seu aspecto prático, a rede social pretende não apenas desenvolver capacidades lógicas, mas também a tolerância e a capacidade de diálogo com pessoas que pensam diferente, melhorando assim o nível do debate político e moral feito nas redes sociais comuns. Tais capacidades, por si só, não são capazes suficientemente de formar um cidadão ético e autônomo, contudo, são parte das condições fundamentais para que isso aconteça

Entendo que a função da disciplina de filosofia no ensino médio é principalmente o desenvolvimento de tais capacidades mencionadas, ou seja, capacidades dialógicas, e não simplesmente o ensino de conteúdos de história da filosofia. Isso se dá tanto pela questão da crítica de Paulo Freire ao ensino bancário, quanto pelo excesso de informação a partir do advento da internet. Como dito, a filosofia tem um valor histórico fundamental para nossa civilização que se refere a reflexão sobre os grandes temas humanos. Isso, de certa forma, a torna isenta de *conteudismos*, no sentido freireano, ou seja, para se ensinar filosofia o melhor é a prática da reflexão sobre tais temas. “*Convém que a filosofia e o filosofar estejam em diálogo permanente com a experiência da vida unindo criticamente o passado e o presente, em plena abertura do tempo a vir, o futuro*” (Manso, 2023). Alguns conteúdos de história da filosofia são deveras enriquecedores, mas, a partir da reflexão de Paulo Freire, entendemos que, provocar a reflexão seja mais benéfico educacionalmente do que ensinar conteúdos prontos. Isso nos leva a ideia de que uma disciplina com menos conteúdo e mais prática reflexiva sobre a realidade dos estudantes pode ter um melhor efeito educacional, sobretudo, para o fim de torna-los cidadãos.

Encontramos desde os gregos, sobretudo nas filosofias de Sócrates, Platão e Aristóteles, a busca rigorosa pela verdade e pela liberdade de pensamento, a partir do desenvolvimento da consciência crítica. É por isso que Sócrates conseguia enxergar sua própria ignorância, sendo sua dialética a essência do que significa pensar criticamente. Ou seja, para ser crítico e ter liberdade de pensamento é necessário analisar as contradições do discurso, pesar as discordâncias e as questões que surgem, enfim, questionar buscando a verdade independente de preferências e desejos. Pela mesma busca rigorosa da verdade Aristóteles criou a lógica enquanto ferramenta para o correto pensar, se valendo da contenda entre Sócrates e os sofistas para enxergar aquilo que fugia da divergência racional, ou seja, não teria lógica (*logos*), a saber, as falácias e diversas questões que geram problemas de linguagem e interpretação. Para isso, ele teve que determinar as regras para que um juízo, ou um conjunto deles, pudesse ser considerado válido. Tais filosofias fundam uma tradição baseada na reflexão racional sobre os temas pertinentes à vida humana.

A plataforma de diálogo Dialecticos visa à promoção de debates sobre problemas relativos à vida dos estudantes, criando assim as condições para que o pensamento se desenvolva, sem conteúdo pré-determinado, na busca de solução dos problemas sociais que os cercam. Além do desenvolvimento das capacidades dialógicas, a prática do debate intenta o desenvolvimento de uma sociedade mais fraterna, tolerante e com maior capacidade de consenso social. Com o uso dessa plataforma, a disciplina de filosofia pode cumprir sua função

no ensino médio preparando os estudantes para que sejam cidadãos com capacidade de analisar e se posicionar sobre questões públicas pertinentes, fazendo com que a democracia representativa se torne cada vez mais participativa e direta.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Política**. São Paulo: editora Nova Cultural, 2000.

_____. **Organon**. São Paulo: editora Nova Cultural, 2000.

_____. **Ética à Nicômaco**. Tradução, introdução e comentários de Mário da Gama Kury. Brasília. Ed. Universidade de Brasília, 1997.

ARTIAGA, Eden Grei Côrtes. **JOGO DIALETICOS**. Revista FACISA ON-LINE, [S. l.], v. 9, n. 1, 202

BOBBIO, Norberto. **A era dos direitos**. Trad. Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Elsevier, 1992.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. *Diário Oficial da União: seção 1*, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 20/06/2025.

CASTELLS, Manuel. **Ruptura: A crise da democracia liberal**. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 57. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

_____. **Pedagogia da autonomia, saberes necessários à prática educativa**. 30. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Política e Educação**. São Paulo: Cortez, 1993

_____. **Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: Ed. UNESP, 2000.

_____. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

GOTO, Roberto; SILVEIRA, Renê J. Trentin (org.). **Filosofia no ensino médio: temas, problemas e propostas**. São Paulo: Loyola, 2008.

HAN, Byung-Chul. **No exame: Perspectivas do digital**. Petrópolis: Vozes, 2017.

JAPIASSU, Hilton. **Um desafio à Filosofia: pensar-se nos dias de hoje**. São Paulo: Letras & Letras, 1997.

MANSO, Artur. **Filosofia e Ensino de Filosofia em Perspetiva**. In- Nova Águia- Revista de Cultura para o Século XXI. Portugal: Zéfiro, 2023.

MARIA, Lúcia R. **Filosofia em sala de aula**. Campinas: autores associados, 2009. (Coleção formação de professores).

PLATÃO. **Crátilo ou sobre a correção dos nomes**. São Paulo: Paulus, 2014

_____. **Diálogos I: Teeteto, Sofista, Protágoras**. São Paulo: Edipro, 2016.

_____. **Diálogos II: Górgias; Eutidemo; Hípias Maior; Hípias Menor**. São Paulo: Edipro 2016.

_____. **A República**. 7. ed. Trad. Maria Helena da Rocha Pereira. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1993.

_____. **Banquete; Fédon**. São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Col. Os Pensadores)

_____. **Apologia de Sócrates, Críton**. Trad. Manoel de Oliveira Pulquério. Lisboa: Edições 70, 1997.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes**. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (org.). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010. p. 23–71.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SAVIANI, Dermeval. **Educação: do senso comum à consciência filosófica**. Campinas, SP: Autores Associados, 1996.

WARDLE, Claire; DERAKHSHAN, Hossein. **Information Disorder: Toward an interdisciplinary framework for research and policy making**. Strasbourg: Council of Europe, 2017. Disponível em: <https://rm.coe.int/information-disorder-toward-an-interdisciplinary-framework-for-research/168076277c>. Acesso em: 23 fev. 2025.